

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS CRIANÇAS AFRODESCENDENTES NA ESCOLA

Antonia Regina dos Santos Abreu Alves
reginaabreu22@hotmail.com
Universidade Federal do Piauí

RESUMO

A construção das identidades afrodescendentes dá-se através das relações sociais escolares, que constituem-se de diversas maneiras e não se pode pensar em falar das mesmas sem citar questões relacionadas às identidades, às práticas escolares, às posturas dos professores. Falar nestas categorias é humanizar as realidades contemporâneas, em especial, as relações dinâmicas e desigualdades persistentes. O presente artigo discute os processos de construção de identidade afrodescendente na escola, no âmbito da diversidade cultural, visando provocar nos participantes curiosidades e a vontade de buscar conhecimentos na área da educação e diversidade cultural, visto que não se pode mais, continuar o processo educacional desvinculado das questões raciais. É uma oportunidade para se pensar sobre a realidade de nossas escolas, no que se refere à construção da identidade das crianças afrodescendentes. Relatamos um evento presenciado em nossas aproximações nas escolas, em que nossa pesquisa do mestrado aconteceu. Desse modo, nos ancoramos em alguns autores/as para nos dar suporte teórico como: Castro; Abramoway (2006); Cavalleiro (2008); Gomes (2001, 2005, 2010); Cunha Junior (2008), dentre outros, entendendo, com estas reflexões, que as discussões precisam continuar, pois a construção e o processo de formação da pessoa estão em constantes modificações e conflitos sociais que poderiam levar ao diálogo e à humanização. Concluímos nesse contexto que a escola tem papel importante nas transformações sociais e mudanças em relação às práticas racistas que acontecem dentro de desse próprio espaço.

Palavras-chave: Identidades afrodescendentes. Diversidade cultural. Questões raciais.

ABSTRACT

The construction of African descent identities takes place through the school social relations, which are a number of ways and you can not think about talking the same without citing issues related to identity, the school practices, the attitudes of teachers. Speaking these categories is to humanize contemporary realities, in particular the dynamic relationships and persistent inequalities. This paper discusses the processes of identity construction of African descent in the school, as part of cultural diversity, aiming to provoke curiosity in the participants and the desire to seek knowledge in the field of education and cultural diversity, as they can no longer continue the educational process detached him from the race. It's an opportunity to think about the reality of our

schools, with regard to the construction of the identity of African descent children. Report a witnessed event in our approaches in schools, where our research master's happened. Thus, we anchored in some authors / as to give us theoretical support as Castro; Abramoway (2006); Chevalier (2008); Gomes (2001, 2005, 2010); Junior Cunha (2008), among others, understanding, with these reflections, that discussions need to continue because the construction and the process of formation of the person are in constant change and social conflicts that could lead to dialogue and humanization. We conclude that context that the school has an important role in social transformations and changes in relation to racist practices that happen within that space itself.

Keywords: Identities African descent. Cultural diversity. Racial issues.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre a construção da identidade dos afrodescendentes é algo que permeou nossa pesquisa de mestrado em educação. Como estivemos inseridos no ambiente de pesquisa, fizemos inúmeras observações de eventos escolares que demarcam e denunciam as práticas racistas na escola.

Buscamos com isso compartilhar e articular questões relacionadas a processos de construção de identidade brasileira afrodescendente no âmbito das diversidades culturais, especialmente na escola e que se desenvolve nas relações sociais que ali acontecem.

Com esta perspectiva trataremos da identidade no espaço escolar no sentido de compreender como a escola pode contribuir para o processo de aprendizagem da criança afrodescendente, relatando um evento presenciado em uma escola visitada por nós.

Em seguida, apresentamos a escola como esse espaço de formação da identidade da criança afrodescendente. Nesse sentido, focalizaremos o espaço escolar como produto das experiências sociais que fazem transitar ideias e atitudes que afirmam e conflituam as diferenças culturais.

Assim, buscamos refletir sobre as identidades que são construídas no espaço escolar, sabendo que, essas também são produtos das relações construídas nos lugares em que as crianças convivem, assim como as diferentes experiências pelas quais estas crianças passam dentro e fora do espaço escolar.

REFLETINDO SOBRE O CENÁRIO DE PESQUISA

Na aula de Língua Portuguesa, o aluno interfere e chama a professora dizendo que sua colega estava lhe xingando de “cavalo preto”, e a colega ainda confirmou dizendo que ele era aquilo mesmo. A única interferência da professora foi pedir para que ambos fizessem silêncio porque ela precisava dar sua aula.

Essa situação descrita acima é um recorte de nossos registros feitos durante as visitas que fizemos em várias escolas, em nossas aproximações com o campo de pesquisa referente ao lócus do nosso trabalho do Mestrado em Educação. Nessas andanças nos deparamos com muitas situações que denunciam práticas racistas na escola.

A realidade escolar apresenta-se assim por fazer parte de uma estrutura social maior em que a é própria sociedade racista e excludente, em que valorizam-se alguns em detrimentos de outros, valorizam-se determinados saberes e outros são menos importantes.

Analisando a situação apresentada no início deste tópico, podemos evidenciar muitas coisas que acontecem neste evento: o silenciamento da professora em relação ao quadro, a tristeza da criança que é xingada e a confirmação da colega que faz a ação preconceituosa, entendendo que isso pode acontecer sempre, pois a professora e a escola não estão preocupadas com esse tipo de “brincadeira”.

Para Castro; Abramovay (2006, p. 203) é inaceitável continuar fingindo ou aceitando que:

Os apelidos, mesmo os de cunho racial, são percebidos na maioria das vezes como brincadeiras pelos alunos. Esse tipo de procedimento parece minimizar a explicitação da violência presente nas interações dessa natureza, o que não significa que por isso seja menor a dor provocada no alvo da brincadeira.

E as dores causadas nas crianças que são “alvo” das piadinhas é muito forte, principalmente porque a sala de aula é um espaço em que se constroem relações importantes para a toda a vida, e conviver em um espaço que reforça o tempo inteiro as diferenças e inferioridades das pessoas em valorização das superioridades das outras é difícil.

“Na escola, essas agressões são insuportáveis, sobretudo, porque os indivíduos vêm esperando da escola, um terreno de igualdade e justiça. Eles têm a escola como o

campo do saber no qual esperavam não ser incomodados com as ignorâncias sociais dos racismos” (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 233), essa realidade não pode continuar assim, pois a escola deve ser sim um espaço de justiça, mudança, transformação e acolhimento ao mesmo tempo.

“Muitas/os professores, que deveriam interromper uma ação de cunho racista, endossam-na e deixam passar oportunidades de trazer de volta aquela/e aluna/o que já não está, ou nunca foi inserida/o na sala de aula de fato, o fenômeno da inclusão-excludente social” (SILVA, BOAKARI, 2010, p. 06), situações como essa são comuns em nossas escolas, ora por desinteresse dos professores, ora por falta de preparação nos cursos de formação que acabam por seguir um currículo também imbuído por relações de poder, e que determina quais conteúdos devem ser priorizados e quais não merecem discussões.

Mas devemos pensar e lutar por uma escola mais justa e igualitária, Santomé (1995, p. 176) nos mostra como a escola precisa ser inovadora:

A educação escolar deve constituir um espaço onde as novas gerações se capacitem para adquirir e analisar criticamente o legado cultural da sociedade. As salas de aula não podem continuar sendo um lugar para a memorização de informações descontextualizadas. É preciso que o alunado possa compreender bem quais são as diferentes concepções do mundo que se ocultam sob cada uma delas e os principais problemas da sociedade a que pertencem. Uma pedagogia antimarginalização precisa levar em consideração as dimensões éticas dos conhecimentos e das relações sociais. É preciso que as instituições escolares sejam lugares onde se aprenda, mediante a prática cotidiana, a analisar como e por que as discriminações surgem, que significado devem ter as diferenças coletivas e, é claro, individuais. É necessário que todo vocabulário político que faz parte da evolução democrática de uma sociedade, ou seja, palavras como poder, justiça, desigualdade, luta, direitos não se converta num vocabulário academicista, referido a contextos históricos e espaciais distantes, longe da vida cotidiana de nossa comunidade (grifos do autor).

A escola pode e deve contribuir para mudanças significativas em nossa sociedade, mas como fazer diferente? O que os profissionais da escola precisam fazer para mudar a realidade da escola brasileira? Como construir identidades positivas nas crianças afrodescendentes?

A(S) IDENTIDADE(S) AFRODESCENDENTE(S) E O ESPAÇO ESCOLAR

Na sociedade brasileira, a escola representa uma esfera social grande e com poder de transformação bastante significativo, principalmente por tratar-se do espaço de

onde desde pequenas as crianças vão para este espaço para aprender as coisas. Porém, como nos afirma Boakari, Gomes, Machado, Abreu (2012, p. 02), “percebemos que esse espaço acaba por engessar determinada produção de conhecimento. Conhecimento este que incentiva uma determinada identidade enquanto desestimula construção de tantas outras para melhor captar-expressar as individualidades presentes nela”.

Nesse sentido, nos questionamos como a escola tem contribuído para a formação da identidade da criança afrodescendente? Como os conteúdos têm sido socializados? E as relações escolares contemplam todos os alunos afrodescendentes e eurodescendentes?

Seria interessante que as escolas pensassem mesmo em inovar, em transformar, em mudar, pois não é mais aceitável, vivermos em uma realidade em que crianças são mais valorizadas do que outras. Para Boakari (et al., 2012, p. 02), seria bem gratificante que as escolas:

Estivessem mais abertas ao debate de quaisquer questões trazidas pelos sujeitos que as procuram como espaço de formação, sem limitar-se apenas aos mesmos conteúdos, que já vêm determinados para serem trabalhados, a uma única metodologia, a uma forma engessada de propor o ensino e aprendizagem. O diferencial seria dar oportunidades de novas discussões no ambiente escolar, em que fosse possível discutir questões sobre os fatos reais que afetam as pessoas diretamente, todos os dias, como as diversidades culturais, racismo, preconceitos, questões de gênero, discriminações e muitas outras formas de desumanização que circulam o mundo atual.

E a escola, por seu próprio formato, deve ser um dos lugares de extrema importância que vai contribuir na construção da identidade da criança, do aluno, mas para tal, é preciso que todos sintam-se incluídos enquanto possam igualmente participar na escola, pois “ser diverso não é um problema. Afirmar positivamente uma identidade racial também não. Ser diverso e portador de uma identidade racial são aspectos constituintes da nossa formação humana e também uma construção social e histórica” (GOMES, 2001, p. 87). Tudo indica que o problema são as atitudes e práticas que outras pessoas usam como respostas a tal situação.

No que se refere à construção de nossas identidades, Gomes (2005, p 42) nos endossa:

Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal, quanto a socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas estabelecidas com os outros. [...] Enquanto sujeitos

sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc.) [...]. Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

E as instituições escolares nas pessoas que ali trabalham e através dos outros agentes sociais que as viabilizam precisam perceber a riqueza de valorizar essas questões relacionadas tanto às crianças afrodescendentes como às eurodescendentes, no seu processo diário de construção de saberes, aprendizagens e de suas identidades. Em relação a isso, Nascimento (2001, p. 115):

Para além de considerações puramente teóricas, nosso intuito é o de ajudar a subsidiar o pensamento e a elaboração de medidas concretas, em particular por meio do processo educativo, visando apoiar, estimular a auto-estima e afirmar de forma positiva a identidade do afrodescendente, fator crucial à sua capacitação para a agência humana, individual e coletiva. Favorecer essa agência é uma forma de contribuir para a ampliação de espaços de efetivo exercício da cidadania.

Trazendo essa realidade para dentro da escola, no sentido de respeitar as características físicas e sociais das pessoas, é possível valorizar a auto-estima de todos/as os/as alunos/as.

Negar esse contexto é afirmar que “a educação formal desagrega e dificulta a construção de um sentimento de identificação, ao criar um sentido de exclusão para o aluno, que não consegue ver qualquer relação entre os conteúdos ensinados e sua própria experiência durante o desenvolvimento do currículo [...]” (MOURA, 2005, p.72). Assim, a escola, ao invés de contribuir para a formação dessa auto-estima, reforça estereótipos de maneira comprometedor e negativa contra os interesses dos já marginalizados, como é o caso dos afrodescendentes.

E especialmente numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, construída historicamente a respeito do afrodescendente, em contrapartida, a identificação positiva do eurodescendente, em que prevalece seu papel de dominador nas relações instituídas socialmente, Cavalleiro (2008, p. 19) afirma que “a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os afrodescendentes, continuamente em favor do eurodescendente, suas práticas e seus valores”. Ainda refletindo sobre esse quadro, Munanga (2009, p. 19) discorre que:

A recuperação dessa identidade, *entre outras também essenciais e relevantes*, começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade. (grifo nosso)

Nesse sentido, a escola pode contribuir bastante, conduzindo os/as alunos/as a re-apreender a olhar a si mesmo, para si próprio, antes de olhar o outro, demonstrando que é preciso reconduzir esse processo de aprendizagem de modo permanente, fazendo com que as crianças possam atribuir características positivas a si próprias independente do pertencimento racial.

Uma possibilidade de repensar o processo de aprendizagem é considerar os diferentes elementos culturais existentes nos diferentes territórios de aprendizagem. Corroborando com Boakari (et. al., p. 03):

A escola pode estar engessada com práticas que violam os direitos básicos das crianças porque dificultam o desenvolvimento de suas capacidades de ser, pensar, criar e sonhar. Entretanto, poderia servir de ponto de partida para construção de outros territórios e não-modelos para novas aprendizagens; novas maneiras de viver o ensino-aprendizagem.

CONCLUSÕES...

As preocupações que nos impulsionam a reflexão sobre identidades afrodescendentes na escola, continuam interrogando sobre: quais identidades estão sendo construídas ou afirmadas como legítimas neste espaço? Por que determinadas identidades e não outras? Existem possibilidades de criar-se contestação e denúncia das formas de exclusão e discriminações?

As inquietações acima implicam num diálogo com as formas pelas quais os sujeitos se relacionam e se posicionam na sociedade, positivando algumas ações e negando outras, acontecimento que se estende para a escola também. Nisso reside uma busca constante pela valorização dos saberes e experiências sem distinção hierárquica ou fronteiras culturais.

Significa que a escola é sim um espaço de conflito, diálogo e tensões diversas, nos quais estão presentes as relações de poder. Importa garimpar na escola possibilidades de ressignificação das experiências sociais com a afirmação e reconhecimento das identidades invisíveis.

Pois, a identidade pode ser considerada como uma referência em torno da qual o indivíduo se constrói, estando em constante modificação. É construída a partir das relações que ele estabelece consigo mesmo, com os outros e com o ambiente à sua volta (FERREIRA, 2004). Por isso, a escola precisa rever suas práticas.

A compreensão do que é construção de identidade é dinâmica; como sendo um processo no qual o indivíduo se situa e atua. Essa construção identitária é contínua e não se posiciona de maneira fixa, estando sempre presente nas relações sociais estabelecidas entre pessoas. “As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 1997, p. 31)”.

E a escola como pode contribuir para a construção de identidade(s) positiva(s) para a(s) criança(s) afrodescendente(s)?

REFERÊNCIAS

BOAKARI, Francis Musa; MACHADO, Raimunda Nonata da Silva; GOMES, Raimunda Ferreira; ABREU, Antonia Regina dos. Identidades, movimentos e territórios sociais. In: **III SEMANA & IV SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA UESPI-CCM**. 20/23 nov, 2012.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam (Coords.). **Relações raciais na escola**: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília, DF: UNESCO, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2008.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola. In: GOMES, Ana Beatriz Souza; CUNHA JUNIOR, Henrique (Orgs.). **Educação e afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: EdUFC, 2008. p. 229 – 240.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente**: identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e a produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESSES, Maria Paula; (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, 2005.

_____. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação** - uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

MOURA, Glória. O direito à diferença. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: educação e identidade afrodescendente. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repessando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

SANTOMÉ, Jurio Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tadeu Tomaz (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Francilene Brito da; BOAKARI, Francis Musa. **Diários de classe: Seminário Educação, Identidade e Pluralidade Cultural**. 2010.